

IMPRESSÕES SOBRE UMA VIAGEM À LUTA ARMADA

*Michelle Dayse Marques de Lima**

Resenha: PAZ, Carlos Eugênio. Viagem à luta armada. Memórias romanceadas. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

Pode existir alguém tão qualificado para falar da luta armada no Brasil, de um ponto de vista interno e pessoal, quanto Carlos Eugênio Paz; mais, parece ser impossível. O autor entra na guerrilha urbana em 1967 e sai em 1973. Quem conhece a cronologia da luta armada brasileira, rapidamente verifica que ele entrou no momento mesmo em que ela começa a ganhar corpo e mostrar-se, já para muita gente, como única alternativa possível para derrotar a ditadura militar instalada no país desde 1964; e sai - ou, o que certamente é mais provável, "cai" - em 1973, final do governo Médici, quando a repressão já tinha esfacelado quase que por completo todos os grupos clandestinos que lhe opunham resistência de armas na mão. Ou seja, podemos afirmar que Clamart (nome de guerra de Carlos Eugênio Paz na ALN) acompanhou nascimento e morte da luta armada, o que é raro, raríssimo, pois a maior parte tombou no meio do caminho. Justamente por causa desta visão privilegiada e pessoal de um membro da guerrilha urbana sobre um momento tão conturbado da história brasileira, é que a leitura de um livro lançado já há três anos continua válida. Acreditamos, aliás, que a validade do livro de Carlos Eugênio Paz promete longevidade exatamente por ser a versão contada a partir do ponto de vista das esquerdas brasileiras que se armaram contra a ditadura nos anos 60 e 70, servindo como excelente contraponto à história oficial e possibilitando que se tenha uma visão completa desse capítulo de nossa história. Além do mais, toda e qualquer possibilidade de debatermos a ditadura militar, a luta armada, a repressão a ela e matérias afins deve ser aproveitada porque

* Aluna do Curso de História da UFPB/Campus I.

esse momento do nosso passado recente continua obscuro, principalmente para as gerações atuais.

De uma maneira simplificada, podemos dizer que o livro apresenta dois momentos distintos, duas histórias paralelas. Uma é a que segue uma seqüência mais ou menos cronológica e que narra sua entrada na Ação Libertadora Nacional, recrutado do movimento estudantil; as primeiras atividades armadas, ainda no Rio de Janeiro, com seus companheiros de escola e organização; a queda de Fabiano (Carlos Marighella); sua ida a São Paulo, que o transformou em uma das principais lideranças da ALN; a reconstrução da Ação, capitaneada agora por Diogo (Joaquim Câmara Ferreira); a "queda" deste e, novamente, conseqüente desarticulação da organização. Mesclado a toda essa história, muito assalto a banco, carro roubado, tiroteios, sangue, morte, "adrenalina", paixões e muito, muito mesmo, remorso, dor e culpa.

Esses últimos sentimentos aparecem nos trechos em *itálico* (é a tal história paralela à "real"), completamente anárquicos, que não seguem cronologia alguma.

Sabemos apenas ser reflexões bem posteriores, do exílio, quando Carlos Eugênio Paz mergulha no mundo das drogas, tentando esquecer a dor, as mortes, o fracasso, enfim, querendo sarar as feridas. Esses trechos são letárgicos, oníricos, nebulosos... O leitor nunca sabe se são delírios provocados pela heroína e pelo haxixe ou se são trechos de lembranças e sonhos ou se é tudo ao mesmo tempo. Depois aparecem ainda as sessões de terapia de Clamart, que também surgem soltas, inesperadamente, no meio da narração "coerente" e cronológica. Mas, para falar a verdade, não importa a identificação da natureza dessas passagens em *itálico*, pois todas elas estão ali apenas para refletir a imensa angústia que o consumiu quando a guerra acabou e ele constatou que a derrota havia sido amarga demais, que só os seus haviam morrido, que as baixas do lado de lá tinham sido tão poucas... Porém, ele estava vivo, parecia ser o único sobrevivente, mas não pense o leitor que isto foi visto como dádiva, muito pelo contrário, sua sobrevivência parecia-lhe castigo, continuação de sua tortura.

Doloroso. Não há outra palavra para definir melhor "Viagem à luta armada". Cada baixa, cada "queda" dói e angustia o leitor tanto quanto doeu e angustiou a Clamart. Lá se vão Alberto, Aureliano, Fabiano, Diogo, Rafael, Hugo, Poeta... Os sentimentos inevitáveis que acompanham a morte desses combatentes são raiva, revolta, tristeza...

Quando, no final do livro, Carlos Eugênio Paz avisa que vai deixar a história incompleta, que há assunto (e sofrimento) demais, que o ideal é planejar um segundo livro, vem o alívio e o pensamento de que, felizmente, fomos poupados das "quedas" de Marcela, Altino, Felipe, Célio, Curumim, a dele próprio. Foi gente demais. Essa é outra conclusão a que o leitor chega. Muita gente - do lado esquerdo, claro - morreu. Mas essa é uma constatação devida exclusivamente ao livro "Viagem à luta armada". Antes de lê-lo não pensamos assim, vivemos no mundo frio dos números, das estatísticas. Quando sabemos que cerca de 144 pessoas desapareceram durante o regime militar, vítimas da repressão, chegamos a pensar que até foi pouca gente para uma guerra tão violenta. Porém, quando lemos um livro como o de Carlos Eugênio Paz é que nos damos conta de quanta gente morreu. A lista que ele nos apresenta no final, dando-nos os nomes reais e detalhes pessoais de cada combatente que ele conheceu e que tombou morto, é que acaba com a frieza das estatísticas e nos mostra como a ALN foi esmagada. O interessante é que a lista tem menos de trinta nomes, mas dá a impressão de ser infinita, e aí, quando pensamos novamente nos 144, temos a dimensão real da quantidade enorme de militantes que morreram sob torturas, assassinados.

Entretanto, o livro tem outros méritos. Clamart consegue contar uma história com "ternura" (para usar um termo típico e inerente aos personagens dessa odisséia) e objetividade ao mesmo tempo. É emocional e emocionante sem ser sentimentalóide, e racional e auto-crítico quando necessário. Assim, é racional quando afirma que não se pode atribuir a derrota da luta armada aos que traíram, - pela dor da tortura, pelo medo ou simples colaboracionismo - por exemplo, Fabiano e Diogo. A derrota viria, inevitavelmente, por motivos muito mais profundos e complexos. É racional quando nos lembra que a tortura tem uma lógica dentro do Estado, e que em tempos de ditadura e guerra é usada como política institucional sim, e negar isso é hipocrisia. E que no caso do Brasil ela ainda está aí, sempre esteve desde os tempos coloniais, para submeter os que ousassem questionar o status quo. Vai além, afirma que a tortura é prática de investigação corriqueira em nossas delegacias, aplicadas em prisioneiros comuns (na sua maioria esmagadora gente pobre, é bom lembrar) e que é "uma lei informal do estado brasileiro, nada pessoal". Porém, ao ressaltar a face racional da tortura para fins políticos no Brasil, Clamart não esquece de deixar claro que ela também possuía

um lado mais obscuro, brutal, animalesco. Como explicar o suplício aplicado a Rafael, seu companheiro de ALN e luta, por 100 dias? Nesse caso, a tortura não tinha nenhuma finalidade prática, afinal as informações conseguidas dos presos políticos só tinham utilidade se obtidas nas horas imediatamente posteriores à sua prisão, pois tão logo a organização percebesse sua "queda", todos os "pontos" e "aparelhos" eram desativados. Mas Rafael foi torturado por mais de três meses sem ter mais nenhuma informação útil a oferecer ... Não dá para negar, havia um mórbido prazer na tortura. Quem detinha poder sobre Rafael não estava mais preocupado com as informações que ele podia fornecer, queria trucidá-lo aos poucos.

A análise mais honesta e lúcida que aparece em "Viagem à luta armada" era a mais difícil de ser feita, mas Clamart foi sincero o suficiente para fazê-la. A execução de Mário, quadro da ALN, assassinado por seus próprios companheiros, em nome da segurança da organização. Com essa revelação, o ex-guerrilheiro mostra ser corajoso a ponto de mostrar que os militantes da luta armada não eram heróicos, ingênuos e puros o tempo todo, também tomavam atitudes equivocadas ou, no mínimo, questionáveis.

Algumas vezes, porém, o sentimento e a parcialidade falam mais alto. Por mais que se esforce, Carlos Eugênio Paz não consegue perdoar os que, de uma maneira ou de outra, acabaram traindo. Júlio e Silyério, por exemplo, responsáveis, respectivamente, pela morte de Alberto e "queda" de Diogo, não entram na lista do final do livro, não se humanizam com seus nomes reais ou com detalhes da vida pessoal, não passam de codinomes frios, vazios e sem referência. O autor, em diversas passagens, apesar do carinho e respeito imensos que demonstra sentir até hoje por Diogo, não esconde a preferência por Fabiano. Este, na leitura do autor, caiu por causa de um ato precipitado das esquerdas armadas, o seqüestro do embaixador americano, e, como consequência da atitude impensada, foi caçado e pego. Já Diogo, "caiu", e com ele a ALN, por causa do seu centralismo - oposto ao atomismo de Fabiano - e da confiança ingênua que ainda depositava nas pessoas, em uma época em que se podia ter tudo, menos excesso de confiança.

Clamart, diferentemente de muitos ex-guerrilheiros que resolvem escrever sobre o passado, dá à luta a dimensão que ela tinha no período. Não chama sua geração de ingênua, suicida, não a julga com os olhos neo-liberais e individualistas da atualidade. Ele tem

consciência, e consegue passá-la ao leitor, de que a experiência e o desenrolar dos acontecimentos mostraram ser impossível uma revolução no Brasil naquela época, o contexto não era nada favorável. Mas nos anos 60/70 ela parecia uma alternativa perfeitamente possível, ninguém estava delirando, lutava-se por algo concreto. Os planos que Diogo tinha para lançar a guerrilha no campo pareciam perfeitos (pp.53-55), como acreditar que não dariam certo? Clamart também mostra que os combatentes não eram loucos irresponsáveis que agiam isoladamente, arriscando a vida gratuitamente. As ações armadas da ALN, e provavelmente de todas as outras organizações, eram minuciosamente planejadas, sua "equipe de fogo" era muito bem articulada, parecia já estar "calcjada" por tantos combates. Eles não eram "doidivasas", como bem lembra Franklin Martins, o problema é que a ditadura estava mais bem preparada.

Certamente, não se deve olhar para os fatos históricos com a intenção de fazer nenhum juízo de valor, condenando ou absolvendo. Mas parece justa a reivindicação de Carlos Eugênio Paz : é preciso que as gerações atuais e futuras saibam que um dia existiram pessoas como Fabiano, Diogo, Marcela, Clamart, Poeta e tantos outros. É preciso que saibam, não para transformá-los em mocinhos ou vilões, mas para que façam sua própria avaliação e dêem a eles o papel que lhes cabe na nossa história.